



RESENHAS

***DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM EM
PIAGET E VYGOTSKY***

*Antônio Joaquim Severino**

**Desenvolvimento & Aprendizagem em Piaget e Vygotsky:
a relevância do social.**

Isilda Campaner Palangana. São Paulo, Plexus, 1994

A preocupação dos educadores em tornar as atividades de ensino mediações eficazes e consistentes da formação dos sujeitos/educandos, os tem levado a pesquisarem mais a fundo as relações entre os processos epistêmicos, psíquicos e pedagógicos. Além da maior divulgação entre nós das idéias dos pensadores mais significativos da área, têm se ampliado igualmente aos trabalhos, criativos e críticos, que buscam estabelecer um diálogo mais construtivo com esses autores. De modo particular, os cursos de pós-graduação têm se constituído em ambientes fecundos para esses estudos, forjados a partir de investimentos sistemáticos não só em pesquisas empíricas, mas também em estudos teóricos.

O presente livro de Isilda Palangana, fruto de sua dissertação de mestrado

* Professor de Filosofia da Educação da FEUSP.

em Psicologia da Educação na PUC-SP, constitui um desses auspiciosos trabalhos. Nele, ela mergulha fundo numa análise e discussão das propostas interacionistas de Piaget e de Vygotsky, buscando elucidar-lhes o significado e explicitando seus fundamentos epistemológicos. Na verdade, a mola propulsora da caminhada indagativa de sua análise é a necessidade do esclarecimento mais radical possível das bases epistêmicas do processo de aprendizagem já que “a aprendizagem e o desenvolvimento do pensamento pressupõem, sempre, uma relação entre o sujeito e o objeto de conhecimento” (p.5). Mas a autora não toma como ponto de partida de sua busca as teorias que insistem em polarizar essa relação, ora privilegiando o sujeito, ora privilegiando o objeto. Seu termo de referência é o interacionismo, enquanto posição teórica que reconhece como prioritária a interação sujeito/objeto no processo de construção e evolução do conhecimento.

É desta perspectiva que a autora se propõe então dialogar, com rigorosa sistematicidade, com Piaget e Vygotsky, em quem identifica dois dos maiores expoentes da abordagem interacionista. Como o título do livro já deixa claro, a autora pretende abordar, de um ponto de vista teórico, as propostas desses pensadores sobre aprendizagem e desenvolvimento, procurando compreender como cada uma destas posições interacionistas “encara o papel do social, enquanto condição que facilita e determina a aproximação e superação do conhecimento socialmente disponível” (p.6).

Tal intenção justifica a rota seguida na construção do raciocínio e do texto. Nos dois primeiros capítulos, busca desvelar as bases teórico-metodológicas que dão sustentação às referidas vertentes interacionistas, respectivamente de Piaget e de Vygotsky. Retomando inicialmente a formação e as linhas gerais do pensamento dos dois psicólogos, a autora explicita seus pressupostos filosóficos e epistemológicos, derivando em seguida a relação entre desenvolvimento e aprendizagem, pertinente ao modelo elaborado. Isto feito, é possível então estabelecer uma interlocução com as duas vertentes, procurando, num terceiro capítulo, “identificar a relevância e o papel que o social assume em cada uma delas” (p.8).

O saldo desse esforço, da cuidadosa análise, permite à autora clarificar

a distância entre o interacionismo construtivista de Piaget e o sócio-interacionismo de Vygotsky. Conclui que, apesar de se encontrarem num mesmo ambiente interacionista, os dois pensadores “desenvolvem leituras fundamentalmente divergentes dos mesmos fenômenos” (p.153). Mas, divergências à parte, a grande contribuição do interacionismo está em mostrar que “desenvolvimento e aprendizagem condicionam-se mutuamente: o sujeito se constrói e se desenvolve à medida que interage socialmente, apropriando-se e recriando a cultura elaborada pelas gerações precedentes” (p.153). Assim, “homem e sociedade compõem, de fato, uma totalidade, em cujo movimento dialético se produzem aprendizagem e desenvolvimento” (p.153).

Sem dúvida, a ruptura da relação biunívoca e linear entre sujeito e objeto e o reconhecimento da relevância do social constituem uma significativa contribuição das teorias interacionistas. O texto de Isilda Palangana, por sua vez, contribui ao tornar mais clara e precisa essa nova malha que tece múltiplos relacionamentos entre sujeito e objeto. No entanto, talvez se fizesse ainda necessário que a reflexão dos interacionistas fosse mais incisiva no sentido de explicitar que sociedade é essa que entra em cena nos processos de conhecimento e de aprendizagem. Tanto nas posições de Piaget, e mesmo naquelas de Vygotsky, bem como na retomada analítico-crítica que delas faz Isilda, faz falta maior ênfase num aspecto crucial que afeta as relações sociais que entram em jogo na articulação das atividades dos sujeitos cognocentes: a intervenção constituinte do poder. Com efeito, a nossa é uma sociedade totalmente impregnada por um elemento de radical importância na configuração de todo saber, de todo ensinar e de todo aprender. Este coeficiente de poder perpassa, capilarmente, todo o tecido social, marcando fundo todas as relações sociais, mesmo aquelas que, aparentemente, seriam apenas relações epistêmicas. Na verdade, o contexto social, enquanto lugar de poder, não é apenas um ambiente, mas um terceiro interlocutor, fazendo do conhecimento uma relação triádica e sempre o ameaçando de ideologizá-lo, impondo-lhe desvios, percalços e mesmo desvarios. O social atua como um campo magnético no âmbito do qual também as atividades epistêmicas se efetuam e por força do qual ficam intrinsecamente impregnadas de um coeficiente de poder político e de ressonâncias ideológicas.